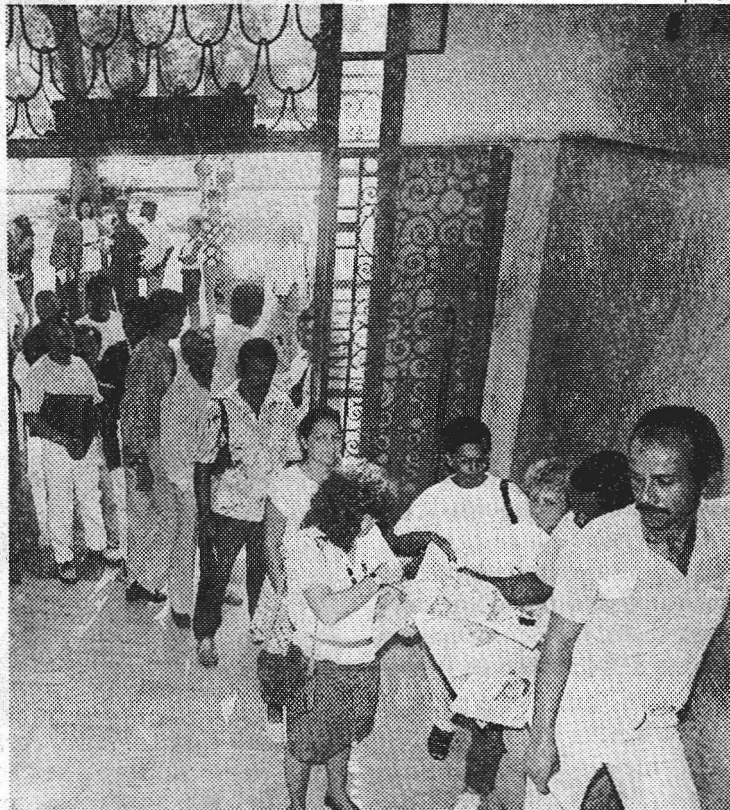




Demitidos da deflação aumentam a fila do seguro desemprego

A outra face da queda

■ Fenômeno traz desemprego e consumo menor

AGUINALDO NOVO

SÃO PAULO — Na semana que passou e nesta, os brasileiros tiveram uma notícia boa e outra ruim. A boa foi que a inflação despencou. O índice mais baixo foi registrado pela Fundação Getúlio Vargas. Na primeira prévia do IGP-M de setembro, a FGV apurou deflação de 0,34% e na segunda, de 0,49%.

A última vez que isso aconteceu foi em abril de 1986, em pleno congelamento do Plano Cruzado. A notícia ruim foi dada depois pelos economistas que se debruçaram sobre o resultado da FGV. Os manuais acadêmicos ensinam que a deflação geralmente vem acompanhada por um processo agudo de recessão.

“Quando se torna crônica, a deflação é tão ou mais grave do que a própria inflação”, afirma Ernesto Moreira Guedes Filho, da consultoria paulista MCM, um especialista em preços. A mudança de rota da inflação foi detectada também pela Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (Fipe), que produz hoje o índice mais utilizado pelo mercado financeiro em suas avaliações.

Consumo — No período de 8 de agosto a 7 deste mês, o IPC não passou de 0,93%, 0,5 ponto percentual abaixo do número de agosto. Conclusão do presidente da Fipe, Juarez Rizzieri: a redução na alta dos preços reflete os efeitos da desaceleração no consumo.

A deflação, caracterizada pela queda prolongada de preços, pode ser causada por dois motivos. Primeiro, pelo aumento da oferta de produtos. Foi o que aconteceu durante o governo Juscelino

Kubitschek, quando os índices acusaram variação negativa de 0,28%.

Aperto — Agora, segundo economistas e consultores, o fenômeno estaria relacionado à queda abrupta da demanda e da oferta de moeda, fruto do aperto monetário.

Na Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), a notícia da deflação acabou alimentando as críticas contra o aperto promovido pelo governo. As estimativas feitas na casa não são nada otimistas até o fim do ano: queda na atividade industrial e crescimento do desemprego.

Uma pesquisa da Brasilpar indica que a produção industrial em agosto deve ter acusado queda entre 5% e 6% em relação ao mesmo período do ano passado.

“Está tudo parado”, diz um empresário. O presidente da siderúrgica Rio Negro (pertencente ao conglomerado Usiminas), Carlos Jorge Loureiro, relata que as vendas de aço da Usiminas, Cosipa e CSN devem recuar agora em setembro aos patamares de fevereiro do ano passado. “Na melhor das hipóteses, as vendas vão superar pouco as 400 mil toneladas.” Segundo ele, as montadoras e as grandes indústrias de eletrodomésticos têm adiado ou mesmo cancelado novos pedidos.

Mesmo entre os economistas mais pessimistas, ninguém acredita em novas deflações. Apostam, sim, no recrudescimento da desaceleração econômica.

O que alguns deles sustentam é que caberia ao governo medir “o custo social” da recessão. “O aperto promovido pelo governo foi político. É preciso definir agora até onde a sociedade pode pagar para ver a inflação no chão”, afirma Flavio Nolasco, da Brasilpar.